

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Michel de Certeau ou a erotização da história [Michel de Certeau or the eroticization of history]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Roudinesco, Elisabeth
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-26 03:54:55
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162474

Michel de Certeau ou a erotização da história

Por Elisabeth Roudinesco



Ainda sobre o jesuíta Michel de Certeau, a *IHU On-Line* entrou em contato telefônico com Elisabeth Roudinesco, psicanalista e escritora francesa, aluna e companheira intelectual de Certeau. Roudinesco disse à *IHU On-Line* que sua convivência com o jesuíta tinha sido amplamente descrita numa Conferência pronunciada no México, em outubro de 2003, na Universidade Iberoamericana, universidade confiada à Companhia de Jesus, e enviou-nos essa conferência que publicamos na presente edição.

Roudinesco, aluna de Michel de Certeau, é doutora em Letras. Após completar sua formação psicanalítica e literária dedicou-se à teoria freudiana. Abandonou o Partido Comunista em

1979 e foi membro da Escola Freudiana de Paris de 1969 a 1980. Entre suas obras publicadas em português, citamos *História da Psicanálise na França*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989; *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 e *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

IHU On-Line dedicou a edição 58, de 5 de maio de 2003, intitulada *A família em desordem*, repercutindo o livro de nome idêntico, escrito por Roudinesco e traduzido para o português pela Jorge Zahar Editora, em 2003. No original, o livro foi publicado sob o título *La famille en désordre*. Paris: Fayard, 2002. A escritora concedeu entrevista à *IHU On-Line* recentemente, na edição 179, sobre o pensamento de Sigmund Freud, de 8/05/2006 com o título “O pensador das luzes escuras”. Os subtítulos são nossos.

Historiador aberto a todas as transversalidades, jesuíta lúcido e generoso, Michel de Certeau foi um renovador dos estudos sobre a mística. Mas, ele foi também, pelo interesse que mostrava à necessária relevância da mensagem freudiana, um dos fundadores, com Jacques Lacan⁵, da

Escola freudiana de Paris (1964). Por seu ensinamento incisivo e sua escuta rigorosa da palavra alheia, ele deixou uma forte marca em bom número de jovens intelectuais dos anos 1970, e também em mim, que fui sua aluna. Eu

(descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. (Nota da *IHU On-Line*)

⁵ Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Lacan fez uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor

lhe devo uma boa parte de minha orientação atual.

Antes de falar da maneira com que ele me marcou, eu gostaria de fazer menção de um diálogo muito surpreendente que ele teve com Jean Marie Benoist⁶ para uma emissão radiofônica e onde se descobre uma das facetas mais finas de sua caminhada. Nessa série de entrevistas realizadas em 1975, após a aparição de *L'écriture de l'histoire*, (Paris Gallimard, 1978), Michel de Certeau fala essencialmente de sua relação à historiografia, sublinhando o que o aproxima e o que o diferencia de diversos autores que se interessaram por assuntos idênticos aos seus, notadamente Michel Foucault⁷ ou Jacques Derrida⁸. Situando o discurso da história como uma tomada de poder do presente sobre o passado, ele mostra que desde o século 17 a historiografia ocidental se distanciou do vivido subjetivo e social, para fazer dele o

objeto de um saber indissociável do destino da escritura.

Escrever a história: uma forma de tomar o poder

Escrever a história será então, para uma sociedade de tipo estático, substituir uma racionalidade coerente por uma experiência heterogênea, afetiva ou inefável, a fim de melhor enunciar o que devem ser a norma e o progresso. Mas, eliminando o que funda a possibilidade de seu olhar, a história se parece também a um empreendimento de exclusão, já que, à maneira de um relato etnográfico, ela exorciza as tradições orais que ela estuda. Assim, ela honra os atores, os heróis, as testemunhas ou os povos como se honra os mortos: ela os encerra numa tumba.

Mas, ao mesmo tempo, por tais atos de escritura e de tomada de poder, a história se defronta forçadamente com um grande retorno do reprimido. Utilizando os conceitos freudianos, Certeau sublinha que este recalcado retorna em configurações inesperadas ou "impensadas" pelos historiadores: a palavra dos possuídos no século 17, ou ainda o discurso místico, numa ruptura com os enunciados da ordem estabelecida. Para não mergulhar nem no excesso de arquivo – como o fazem os eruditos – nem na rejeição de toda relação ontológica com o vestígio – como o querem os adeptos de uma história reduzida a uma ficção – o historiador deve, pois, manter-se à distância dos dois extremos que o ameaçam. Ele não deve nem favorecer a constituição de um saber absoluto, tendendo a se tornar um reservatório de idéias mortas, nem preconizar a abolição de toda relação à ordem escritural, que faria dele um simples observador de seu tempo.

⁶ **Jean-Marie Benoist**, professor assistente de Claude Lévi-Strauss, escreveu *Les Nouveaux primaires*, Hatier, Paris, 1978. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês foi professor no Collège de France. Sua obra tem um enorme impacto na academia, pois perpassa principalmente pelas áreas humanas e das ciências sociais, mas também pelas demais áreas de estudo. É autor de, entre outros livros, *História da loucura*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1997. A matéria de capa da 119ª edição da *IHU On-Line*, de 18 de outubro de 2004, foi dedicada a esse pensador. O IHU organizou, durante o ano de 2004, o evento **Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault**. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ **Jacques Derrida** (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973; *L'Éthique du don*, (1992), *Demeure, Maurice Blanchot* (1998), *Voiles avec Hélène Cixous* (1998), *Donner la mort* (1999). Dedicamos a Derrida a editoria *Memória* da *IHU On-Line* edição 119, de 18 de outubro de 2004 (Nota da *IHU On-Line*).

Erotização da história

Procuramos reter um dos grandes momentos desse debate: aquele em que Michel de Certeau explica que na França, após o regicídio de 1793⁹, a língua se torna o novo “corpo do rei”, pelo qual a nação, eliminando os patuás e os dialetos, impõe uma nova ordem simbólica, sem, no entanto, restaurar o antigo poder monárquico perdido para sempre. Por esse gesto, ela inventa um corpus significativo que será ele próprio contestado, dois séculos mais tarde, por não ter sabido refletir sobre a fragilidade de sua própria soberania. Pode-se, evidentemente, confrontar esta posição com a de Certeau sobre a erotização da história e com a citação que eu pusera em destaque de meu livro sobre a psicanálise na França:

“Escondido na submissão às regras de uma tarefa e na regularidade das exigências objetivas não escolhidas, pode haver aí uma erotização da história – uma paixão alteradora e alterada, eu ousaria dizer um furor de amar”.

Vê-se aqui aparecer o recalcado ou o impensado, mas também o itinerário complexo deste homem habitado por uma ferida secreta, e que soube transformar sua melancolia numa espécie angélica de fazer nascer no outro uma ruptura existencial, suscetível de torná-lo estrangeiro àquilo que ele acreditava ser.

A história de Michel de Certeau

Sem compaixão nem pieguice, Certeau foi um iniciador tanto mais fascinante, uma vez que ele soube renunciar aos ouropéis de uma maestria de simulação. Ele desdenhava as honrarias, os faustos e as medalhas, preferindo furtar-se sem cessar, e em todos os continentes, à incandescência frágil das

⁹ **Regicídio:** matar o rei. O regicídio de 1793 na França foi a execução do rei Louis XVI depois da sentença de morte dada pelo Parlamento. (Nota da *IHU On-Line*)

rebeliões extremas ou cotidianas. Nascido em Chambéry, em 1925, Certeau saíra de uma família católica da pequena nobreza de Savóia, que será marcada por um destino trágico: um suicídio e duas mortes violentas por acidente de estrada. Atraído primeiramente pelo ensinamento do padre Henri de Lubac¹⁰, ele entra em 1950 na Companhia de Jesus, com a firme intenção de partir para a China. Seis anos mais tarde, ele é ordenado padre e em seguida integra a revista *Christus*¹¹, seguindo o seminário de Jean Orcibal¹² na V.ª secção da Escola prática de altos estudos (École pratique des hautes études, EPHE). Em 1960, ele defende sua tese de 3º ciclo sobre Pedro Fabro¹³ um savoiense como ele e um dos primeiros companheiros de Inácio de Loyola, que assumira como tarefa, em meados do século 16, reconciliar a Reforma com o Papado. Na mesma perspectiva, ele desenvolve um trabalho sobre o itinerário de Jean-Joseph Surin, jesuíta bordelense do século XVII, que tinha sido enviado em missão ao Loudun, em 1634, para exorcizar as religiosas do convento das Ursulinas, possuídas pelo demônio, apesar de ter sido enviado à fogueira seu superior, Urbain Grandier. Surin os liberta ao preço de ser ele mesmo

¹⁰ **Henri de Lubac** (1896-1991): teólogo jesuíta francês. Foi suspenso por Pio XII. No seu exílio intelectual, escreveu um verdadeiro poema de amor à Igreja que são as suas *Méditations sur l'Eglise*. (Nota da *IHU On-Line*)

¹¹ **Revista Christus:** Criada em 1954, tendo o jesuíta Michel de Certeau como um de seus fundadores e editores. Em 2004, quando completou 50 anos, a Revista foi o centro de uma programação com diversos intelectuais em 16 e 17 de janeiro. É sediada na França. (Nota da *IHU On-Line*)

¹² **Jean Orcibal.** Diretor dos estudos, ciências religiosas do Instituto para pesquisa avançada de Paris. (Nota da *IHU On-Line*)

¹³ **Pedro Fabro** (1506-1546): jesuíta francês, primeiro discípulo e companheiro de Santo Inácio de Loyola. Foi ordenado em 1534. Com Francisco Xavier e Inácio de Loyola é reconhecido como um dos fundadores da Companhia de Jesus.

golpeado por mutismo durante vinte anos e convencido de sua própria condenação. Em 1970, em *La possession de Loudun* (Julliard, 1970), que se tornará um clássico, Certeau mostra que nesta questão os médicos herdaram um poder de cura até então reservado aos teólogos. Comparando Surin a um “Dartagnan da mística”, ele sublinha que o mesmo ocupa, no coração deste dispositivo, o lugar de uma espécie de estrangeiro radical, cujo poder escapa à tarefa das três ordens instituídas (o Direito, a Teologia, a Monarquia). Surin inverte, com efeito, segundo Certeau, a relação tradicional entre exorcista e possuído, para se desprender de seu saber e de sua razão em benefício de Jeanne des Anges, a priora do convento, à qual ele dá a entender que as desordens atribuídas ao demônio não são sem cumplicidade de sua parte.

A mística como ciência experimental

Por sua frequência dos grandes místicos, Certeau efetua um triplice gesto iconoclasta. Em primeiro lugar, ele repreende à Igreja do século XX ter abandonado o “pedestal ontológico” do cristianismo. Em seguida, ele reintegra nos estudos históricos, de tendência laica, um recalcado de que somente a teologia se preocupava. Enfim, ele obriga os historiadores a tomar em conta a psicanálise, disciplina violentamente rejeitada pela École des Annales [Escola dos Anais] e por seus herdeiros. Encarando a mística como uma ciência experimental, suscetível de reinstaurar uma comunhão espiritual abolida por ocasião da passagem da Idade Média à época moderna, Certeau compara seu destino ao da psicanálise. Ambas as duas, dirá ele em *La Fable mystique* [A fábula mística] (Gallimard, 1982), contestaram o princípio da unidade individual, o privilégio da consciência e o mito do progresso.

Ambas as duas, enfim, se apoiaram nas resistências encontradas. Abrindo, assim, um vasto debate sobre as relações entre duas disciplinas que se desconheciam mutuamente e, retornando, através de um trabalho histórico, às origens duma instituição de que ele se tornou missionário, Certeau se coloca à margem das comunidades às quais ele pertence. Ele as critica de dentro, sem jamais querer ser nem infiel, nem herético. E imediatamente os historiadores o censuram por ser demasiado freudiano, os comentadores dos textos religiosos, por ser demasiado engajado na sociedade contemporânea, os psicanalistas por não ser mais do que um historiador, os marxistas por ser demasiado místico, e a hierarquia católica por preferir Marx ao Papado.

Certeau e maio de 1968

O apoio que Certeau dará, em seguida, à “tomada da palavra” estudantil de maio de 1968 e aos movimentos contestatórios latino-americanos, que apregoam uma “teologia da libertação”, não fará senão avivar as polêmicas contra sua pessoa e seu trabalho. Por isso, quando ele se apresenta à V.^a secção da EPHE, para nela criar uma cadeira de história da mística, ele é acusado de ser mais atraído pelas colunas do *Nouvel Observateur*, do que pela erudição clássica. Da mesma forma, em 1977, quando ele tenta obter um lugar no CNRS, ele é caluniado: “... Será que é realmente um sacerdote, será que não é um desertor, que gosta dos meninos, que prefere as mulheres, etc...” (p. 385). Enfim, quando ele quer entrar na Escola dos altos estudos em ciências sociais (EHESS), ele se entrega ao desprezo dos notáveis e dos conservadores: “Esses padres desertores nos emporcalham”, ou ainda: “Na França, há lugar para um Foucault, não para dois” (p. 386). Graças ao apoio

constante de seu amigo Jacques Revel¹⁴, ele acabará integrando as fileiras da EHESS, pouco antes de sua morte, ocorrida em janeiro de 1986. Entrementes, é na costa californiana, e em prestigiosas universidades americanas, onde ele é acolhido com fervor, que ele pode se consagrar a novos estudos sobre a pluralidade das culturas, sem, no entanto, desertar dos múltiplos locais de pesquisas que ele continua a realizar na França, através das revistas, dos seminários, ou dos grupos de reflexão.

Sem dúvida tem sido preciso que Certeau atravessasse em vida esta experiência da humilhação e da exaltação – que não é estranha, aliás, à famosa dialética mística da deploração e do êxtase que ele tão bem descreveu – para que sua obra, original e brilhante, encontre, enfim, seu lugar na França intelectual deste começo de século.

¹⁴ **Jacques Revel**: historiador francês, ex-presidente da École des Hautes Études en Sciences Sociales. Autor, entre outros, de *Jogos de Escalas: A Experiência da Microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998; e *A invenção da sociedade*. São Paulo: Difel, 1999. (Nota da **IHU On-Line**)